



A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL PARA O LETRAMENTO DOS ALUNOS DO FUNDAMENTAL I

Genário Ferreira de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, debater de maneira conceitual sobre a influência da linguagem virtual no processo de letramento dos alunos do ensino fundamental. De modo que foi possível compreender que as novas tecnologias são de extrema importância, sobretudo imersas no ambiente escolar, já que a era tecnológica insere crianças e jovens cada vez mais cedo neste universo virtual, tornando um potencial facilitador na mediação de conteúdos disciplinares quando aplicadas tais ferramentas a favor da educação. Quando se considera que a internet criou e continua criando uma espécie de dialeto comum aos seus usuários, nota-se que sua influência no processo de letramento é tamanha. Ao passo que o importante é saber identificar as situações por meio das redes em que é possível se comunicar de forma mais coloquial e quais situações demandam maior cuidado com a escrita culta da língua, o que torna o multiletramento uma ferramenta adequada para a educação dessas novas gerações. A justificativa para a escolha do tema consiste em sua contemporaneidade, além da expectativa de contribuir com o âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Internet. Letramento. Ensino fundamental. Multiletramento.

LA INFLUENCIA DE LA LENGUA VIRTUAL EN LA CARTA DE ESTUDIANTES DE FUNDAMENTAL I

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo debatir de manera conceptual sobre la influencia del lenguaje virtual en el proceso de alfabetización de los estudiantes de primaria. De modo que fue posible comprender que las nuevas tecnologías son extremadamente importantes, especialmente inmersas en el entorno escolar, ya que la era tecnológica inserta a niños y jóvenes cada vez más temprano en este universo virtual, lo que lo convierte en un posible facilitador en la mediación de contenidos disciplinarios cuando se aplica herramientas a favor de la educación. Cuando se considera que Internet ha creado y continúa creando un tipo de dialecto común a sus usuarios, se observa que su influencia en el proceso de alfabetización es tan grande. Mientras que lo importante es saber cómo identificar situaciones a través de redes donde es posible comunicarse de manera más coloquial y qué situaciones requieren mayor atención con la escritura culta del idioma, lo que hace que la multiliteración sea una herramienta apropiada para la educación de estas nuevas generaciones. La justificación para elegir el tema es su contemporaneidad, además de la expectativa de contribuir al campo académico.

Palabras-clave: Internet. Literatura. Enseñanza fundamental. Multiliteración.

¹Aluno do mestrado em Ciência da Educação da Universidad Interamericana, PY, genario.sousa@bol.com.br



THE INFLUENCE OF VIRTUAL LANGUAGE ON THE LETTERING OF STUDENTS OF FUNDAMENTAL I

ABSTRACT

The main objective of this article is to discuss in a conceptual way the influence of the virtual language in the process of literacy of students in elementary school. So, it was possible to understand that the new technologies are extremely important, especially in the school environment, since the technological age inserts children and young people earlier in this virtual universe, making a potential facilitator in the mediation of disciplinary contents when applied such Tools for education. When one considers that the Internet has created and continues to create a kind of dialect common to its users, it is noticed that its influence in the process of literacy is so great. While the important thing is to be able to identify the situations through the networks in which it is possible to communicate in a more colloquial way and which situations demand greater care with the learned writing of the language, what makes multiletramento a suitable tool for the education of these new Generations. The justification for choosing the theme is its contemporaneity, in addition to the expectation of contributing to the academic field.

Keywords: Internet. Literature. Elementary School. Multiletramento.

INTRODUÇÃO

A Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) corresponde às tecnologias utilizadas de forma integrada, para interferir ou mediar os processos de informação e comunicação entre os seres. A comunicação, por sua vez é algo necessário e está presente no cotidiano do ser humano há muito tempo. A forma com que se expressa, registra fatos, troca informações, a cada dia que passa se aperfeiçoa mais.

Ao tratar sobre processos de ensino e aprendizagem, as tecnologias surgem como uma alternativa da modernidade para facilitar a construção do conhecimento. A inserção de tecnologias como computadores, tablets, smartphones e, especialmente a inserção da internet na educação, possibilita um amplo acesso à informação não só para os alunos, mas também para os professores, permitindo trocas mais dinâmicas e interativas de saberes.

Em vista das premissas supra expostas, desenha-se como objetivo do presente artigo, debater de maneira conceitual sobre a influência da linguagem digital/virtual no processo de letramento de alunos do ensino fundamental. A fim de traçar um caminho coerente para o desenvolvimento do tema, elencam-se como objetivos específicos: abordar sobre os recursos tecnológicos na transformação do processo educacional; tratar sobre as influências da



internet na linguagem; e, debater sobre o multiletramento como ferramenta de letramento perante às novas tecnologias.

Sendo assim, a problemática de pesquisa a ser solucionada à finalização desse, para sobre a questão: de que maneira a linguagem virtual pode interferir no processo de letramento dos alunos no ensino fundamental? O presente artigo justifica-se, pois pretende contribuir para o âmbito acadêmico oferecendo através da pesquisa em tela uma visão diferenciada acerca do assunto, ampliando o material teórico, que poderá ser utilizado a fim de desenvolver estudos e pesquisas posteriores, estimular o aprofundamento sobre o tema, assuntos relacionados e demais caminhos científicos que possam originar-se a partir do interesse por este.

Sobre o método de pesquisa empreendido Lakatos e Marconi (1996, p. 15) definem que “pesquisar não é apenas procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”, através desta ótica é possível notar que a pesquisa é algo mais amplo do que se imagina em um primeiro momento.

Segundo Santos e Candeloro (2006) existem duas naturezas diferentes para uma pesquisa metodológica, são elas, qualitativa e quantitativa. Sendo assim:

A pesquisa de natureza qualitativa é aquela que permite que o estudante levante dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência da população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados, ou seja, informações pertinentes ao universo a ser investigado, que leve em conta a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural. [...] A pesquisa quantitativa é a que tem o objetivo de mensurar algumas variáveis, transformando os dados alcançados em ilustrações como tabelas, quadros, gráficos ou figuras. [...] Em geral, o instrumento de levantamento de dados mais adequado a este tipo de pesquisa é o questionário, em que questões fechadas correspondem a respostas codificadas (SANTOS e CANDELORO, 2006, p. 71-72).

Desta forma, a natureza escolhida para a criação deste trabalho é qualitativa, buscando assim, levantar todas as informações teóricas a fim de se chegar à conclusão, utilizando-se de abordagem exploratória através de pesquisa do tipo bibliográfica para colher e avaliar os dados, as pesquisas bibliográficas podem ser através de obras ou artigos científicos (GIL, 2008).

OS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA TRANSFORMAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM



Quando se fala de recursos tecnológicos, não há como deixar de lado a tamanha possibilidade de interdisciplinaridade que a tecnologia confere ao ensino. Para Prado (2005) os avanços tecnológicos são responsáveis por provocar tamanhas mudanças na estrutura e na forma de vida dos indivíduos.

O autor prossegue dizendo que, a fim de suprir todas as demandas de uma sociedade altamente tecnológica, é preciso que a escola passe por uma reorganização de seus espaços de aprendizagem, um aspecto que vêm passando por discussões e alcançando um espaço cada vez mais amplo em meio às pesquisas acadêmicas.

Deste modo, o ensino outrora organizado de maneira fragmentada já não cumpre mais as necessidades de um cenário permeado por uma série de informações que são difundidas de maneiras diversas, com apresentação em linguagens distintas (multimídia) e em espaços de tempo cada vez mais curtos, ou mesmo com base na instantaneidade.

Prado (2005) prossegue dizendo que a tecnologia ainda implica em um processo de ensino que causa uma série de mudanças em suas práticas, assim como demanda propostas mais constantes de revisões curriculares. Assim, para que seja possível atender tais necessidades, há a importância de estipular o modo como as áreas do conhecimento vão se articular, o modo como os saberes distintos vão se transformar e, conseqüentemente modificar as práticas de ensino.

Prado (2005) explica que o indivíduo deve conseguir lidar com uma agilidade e uma abrangência de informações, além da dinâmica existente neste meio, a sociedade do conhecimento e da tecnologia então, passa a demandar formas inovadoras de pensar e agir. São situações diversas que demandam constantes reconfigurações espaço-temporais, a fim de que seja possível desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre as mais diversas temáticas, visando assim atingir um desenvolvimento de estratégias que possam ser criativas e promovam novos tipos de aprendizado, para que então atendam este cenário.

Segundo Fazenda (2009) o cerne de tais processos de mudança paira sobre a formação dos professores, que deve levar em consideração a polissemia imposta no termo interdisciplinaridade, referenciando-a acerca de sua função para a formação docente, no sentido de proporcionar subsídios o bastante para que os mesmos fundamentem suas práticas de formação interdisciplinar.



Deste modo, é possível compreender que a utilização de uma diversidade de recursos tecnológicos que se encontram disponíveis na atualidade, oportuniza aos alunos dos mais diversos níveis educacionais, o desenvolvimento de competências e habilidades premissas desta sociedade, com a finalidade de que o indivíduo se atribua de autonomias para buscar por si só, novas aprendizagens e conhecimentos, por meio dos mais diversos ambientes colaborativos que encontrar. Lançando uma ótica multidisciplinar, Prado (2005, p. 55) explica que é necessário:

[...] uma abordagem de educação que propicia o processo de reconstrução do conhecimento para a compreensão da realidade no sentido de resolver sua problemática trata o conhecimento em sua unicidade, por meio de inter-relações entre ideias, conceitos, teorias e crenças, sem dicotomizar as áreas do conhecimento entre si e tampouco valorizar uma determinada área em detrimento de outra.

Ainda segundo a autora é preciso articular todas as áreas, ainda que o currículo se atribua tão somente de áreas e suas especificidades, estas que devem tomar interação para o entendimento e as mudanças da realidade. Deste modo, Prado (2005) explica ainda que os alunos passam a ser protagonistas de suas histórias, de suas vidas, desenvolvendo os meios necessários para o desenvolvimento pleno de sua cidadania.

Ainda de acordo com a autora, os trabalhos pedagógicos nos espaços escolares devem ser integrativos, no sentido de alinhar áreas do conhecimento que promovam a resolução de problemas, congregação de conceitos e estratégias. Assim como deve ser o papel da tecnologia o de aliado nesta prática dinâmica, justamente por tomar um caráter de multiplicidade de recursos que se apresentam de maneira significativa e integrada.

Tornaghi (*et al.*, 2010) explica que trabalhar de maneira interdisciplinar levanta uma discussão sobre a organização pedagógica de projetos. Assim como os autores defendem que os projetos devem ser feitos, uma vez que suas perspectivas são de integração, proporcionando uma vivência com alcance de distintas linguagens e representações.

Tal medida pedagógica não se limita tão somente a uma única disciplina, mas sim, transpõe barreiras a fim de tornar o conhecimento permeável e articulado com as mais diversas áreas, isto é, integrando as disciplinas. Ainda segundo os autores, a existência da disciplinaridade também é válida, bem como atribuída ao trabalho das TIC em projetos, como explicam: “[...] a divisão entre as disciplinas não é estática e ocorre à medida que se



aprofundam os conhecimentos de determinada área cuja compreensão exige estudos especializados (TORNAGHI *et al.*, 2010, p. 155).”

Segundo Giglio (2003) especialmente em instituições de ensino, o uso efetivo da tecnologia tem como precedente a percepção, por parte dos usuários, acerca da disponibilidade da TI necessária para aplicação neste ambiente. O autor prossegue dizendo sobre a existência de um consenso sobre o termo percepção, que refere sobre os processos necessários que levam um sujeito a receber estímulos, selecionando-os e interpretando-os.

A INTERNET E SUAS INFLUÊNCIAS NA LINGUAGEM

Chauí (2000) evoca Hjelmslev para explicar que em sua percepção, a linguagem será o recurso final e indispensável do homem, um refúgio em suas horas de solidão, bem como quando o conflito se resolve em um monológico e meditação. Portanto:

A linguagem, diz ele, está sempre à nossa volta, sempre pronta a envolver nossos pensamentos e sentimentos, acompanhando-nos em toda a nossa vida. Ela não é um simples acompanhamento do pensamento, “mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento”, é “o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de geração a geração”. A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes (CHAUÍ, 2000, p. 172).

Ao se falar da linguagem, é necessário observar que é uma criação genuinamente humana, independente da etnia, o ser humano é um ser falante. A linguagem é o instrumento pelo qual o ser humano se comunica, é a forma de acesso pela que se acessa o mundo dos pensamentos, envolvendo-se de tal forma a ser inimaginável sua inexistência. Por essa razão, seria inviável tratar sobre as redes sociais sobre como uma nova forma de comunicação e relacionamento humano, sem relacioná-las com a linguagem.

Bisognin (2008) explica que a internet utilizada no Brasil, a linguística utilizada como forma de comunicação, no geral, carrega um estigma de má utilização da língua portuguesa, uma vez que, muitas vezes, os termos entram em desacordo com a norma culta da gramática padrão. Assim, emerge nesse contexto o que se convencionou chamar de “internetês”, a variedade linguística aplicada na internet e que “[...] baseia-se na simplificação informal da escrita para tornar mais ágil a comunicação (p. 18).”



O autor prossegue dizendo que tal simplificação da escrita faz com que o texto se torne mais dinâmico e a linguagem que é empregada seja mais informal na maior parte das vezes. Por conta disso, no âmbito virtual a língua passa por diversas e constantes variações, como na mobilidade falada ou na escrita convencional, o que faz com que essa variedade linguística que ocorre na internet, ocorra de forma peculiar e reconhecida entre os usuários desse meio como forma de se comunicar.

A Internet é um novo ambiente de enunciação cultural, com múltiplas linguagens, possibilidade de interações, velocidade acelerada de informação e estrutura multimidiática. Ela suscita e expressa um ambiente de comunicação diferenciado. Isso pode ser percebido até nas formas de escrever utilizadas pelos internautas, principalmente pelos jovens, na comunicação eletrônica: interferem sobre a escrita culta padrão para interagir (BISOGNIN, 2008, p. 16).

Ferraz (2006) por seu turno comenta que tal situação tende a confirmar a impressão de que há uma modificação da língua, uma vez que os usuários se modificam, assim como o contexto de uso da mesma, causando transformações sociais diversas. Isso significa que, em aspectos inerentes à língua, a capacidade que o léxico terá de se ampliar ou suprimir algumas palavras, também acontecerá no ambiente virtual, uma vez que o léxico é parte da cultura de uma população e, no sentido cultural a tecnologia acarreta variações à língua.

A renovação do léxico de uma língua é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística (FERRAZ, 2006, p. 219).

Biderman (1998) contribui com o debate e comenta que a diferença, porém, consiste no fato de que, no ambiente computacional, a língua, já que demanda de um dinamismo maior para a comunicação, passa por mudanças em seu sentido escrito. O que faz com que muitos termos continuem sendo os mesmos, munidos dos mesmos significados, mas com grafia diferente, em versões abreviadas e rápidas. Esses, segundo o autor, são os principais neologismos gráficos utilizados na internet, que também formam parte da renovação do léxico.

Segundo Pessoa (2000), a língua, nesse sentido, é apresentada por meio das palavras, sendo que os processos da cultura e da sociedade são transmitidos por meio dela e das



experiências que o homem vivencia em determinados momentos. Novas necessidades surgem e novas palavras também, específicas e mais precisas para uso em redes sociais.

Nesse ambiente virtual em especial, uma vez que se torna um canal de comunicação instantânea cada vez mais popular e, geralmente envolve comunicações entre pessoas com afinidades, a variedade linguística utilizada tende a não seguir normas da modalidade escrita formal, possibilitando o uso linguístico da escrita semelhante à fala. O autor elucida então que:

Da mesma forma que a modalidade falada, nos bate-papos (aqui principalmente o Facebook) se observa a presença de marcadores de aspecto conversacional (truncamentos, hesitações, correções etc.). Isso ocorre, em parte, devido à simultaneidade e ao aspecto dialógico desse novo gênero textual. Também se destaca outra semelhança com a língua falada: a existência de variações linguísticas nas abreviações. Assim como na língua oral existem as variações prosódicas, nos bate-papos existem as variações de formas abreviadas, isto é, uma mesma palavra pode ser representada por mais de uma abreviação (PESSOA, 2000, p. 109).

Ao longo desse percurso, a variedade linguística da internet, o internetês, se permeia por semelhanças com a língua oral, já que, por conta da instantaneidade da comunicação, da velocidade do movimento manual para digitar o texto, a fim de fazer com que as palavras tecladas acompanhem o raciocínio e, nesse caso, a fala. Para além, uma vez que o sujeito com quem se comunica e que é o receptor do texto, possivelmente é alguém com quem se compartilha alguma intimidade, a produção de tal escrita receberá uma razão a mais para não ser restrita às normas formais da gramática.

Em caso de palavras que são utilizadas em ambientes de interação na internet, como as redes sociais, a modalidade de neologismo que é encontrada, reside na língua escrita, que é demarcada por expressões mais comuns ao meio virtual, especialmente no formato gráfico. Bortoni-Ricardo (2004) estuda a rede social Facebook e a aponta como uma das permeadas por manifestações linguísticas que vão desde a variedade padrão do português ao português coloquial, informal, até a criação de termos novos.

O autor explica que essa mistura possibilita às pessoas a interação sem muita formalidade linguística, criando novas formas de fazer uso da modalidade escrita da língua. Isso porque o contexto de comunicação possibilitado pela rede social possui um domínio próximo do dia a dia, de cultura popular, misturas e possibilidades. Assim, para se



contextualizar nele, o usuário precisa agir conforme o grupo, a fim de conseguir ser reconhecido nesse meio e aceito como membro dele.

Dessa forma, dentro do grupo de usuários do Facebook, como exemplo, que se habituou a um tipo de socialização e relacionamento pessoal possibilitado por essa rede social, sente-se à vontade para produzir textos com variedades linguísticas, menos normativas. A partir daí, os usuários criam termos para expressar seus sentimentos, o que querem expressar quando não encontra em seu repertório vocabular algo semelhante. Simões (2009, p. 8) sobre isso, aponta que: “[...] o falante é capaz de inventar vocábulos novos não só para suprir emergências comunicacionais, como também para produzir situações cômicas, irônicas, etc.”

Nesta perspectiva, Carvalho (2010), demonstra que a rede social se torna tão receptiva ao próprio estilo de cada usuário, mas, paralelamente tão interativa quando pessoas com afinidades se comunicam entre si, que facilita, linguisticamente falando, a inserção de novos vocábulos, já que os mesmos se interligam à cultura das pessoas, que é mutável e, portanto, induz a língua às variações.

A língua, não tendo função em si, existe para expressar a cultura e possibilitar que a informação circule. Ela corporifica as demais interpretações culturais, como as letras nas músicas, a oração na religião, a descrição e a especificação na moda, a receita na culinária, o título nas obras de arte (CARVALHO, 2010, p. 419).

A autora prossegue dizendo que, nota-se que a criação de novas palavras não demanda somente falar uma língua, mas é necessário conhecer o mundo e o léxico. Esses aspectos que, naturalmente possibilitam a criação, bem como uma vivência cultural da língua e possibilita uma visão particular sobre ela, formando uma forte relação a fim de compreendê-la e recriá-la. Assim: “[...] a aquisição da competência cultural (na própria cultura) não faz parte de uma escolha possível: ela é vivida como uma ligação imediata e única com o mundo (CARVALHO, 2010, p. 420).”

Nesse sentido, torna-se evidente que algumas competências são inerentes ao sujeito para que esse seja capaz de criar novas palavras, sendo elas: competência linguística, lexical e cultural, que, integradas, capacitam o sujeito para a compreensão da língua e para formar novas palavras tanto escritas quanto orais.



Justamente por possuir tais competências, segundo Carvalho e Kramer (2013), é que os usuários da internet e das redes sociais, em especial, não são estranhos a essas formas de escrever a língua, mas, ao contrário, adotam-nas e compartilham-nas de forma tranquila. Isso porque esses indivíduos reconhecem que no contexto das redes sociais é possível que uma palavra seja grafada de tal forma, sentindo-se à vontade com o fato de que:

Os efeitos, na língua, desse novo meio (aqui entendido como internet e, principalmente, rede social Facebook) são duplos: ele inicia uma mudança no caráter formal da língua e possibilita maior utilização da escrita. São inúmeras abreviações usadas (“tb”, “vc”) e reduções (“facu”). A falta de maiúsculas e de acentos surpreende o falante do português. A ortografia fora do padrão, condenada na escrita convencional, é usada sem sanções em ambientes de conversa (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 79).

Diante disso é possível ter uma ideia de que os neologismos utilizados nas redes sociais são criados por meio de habilidades linguísticas, lexicais, culturais e tecnológicas. Portanto, os usuários das redes sociais fazem uso da pertinência desse contexto sócio comunicativo em que se encontram inseridos e, em maior parte, são neológicos no sentido da grafia, mas que em outros casos, são neológicos também no aspecto formal ou ainda por serem estrangeirismos. Para Ferraz (2012, p. 18), para notar o neologismo nesse ambiente, é necessário verificar alguns pontos:

[...] é preciso de início definir um critério de reconhecimento do neologismo. No que diz respeito à gênese neológica e às circunstâncias em que esta ocorre, está claro que não é pelo fato de uma unidade léxica ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica. Há três fases da neologia que devem ser observadas:

- a) a fase inicial do processo, quando o neologismo está sendo criado;
- b) a fase que sucede à criação e se refere à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários;
- c) a fase em que começa o processo de desneologização.

Assim como mencionado que o uso de neologismos no ambiente das redes sociais pode oferecer identidade ao usuário nesse grupo, Rajagopalan (2003) explica que o uso de estrangeirismos nesse ambiente também passa de simples necessidade para uma forma de inclusão ou exclusão de sujeitos de determinados meios de interação social.

Isso porque as sociedades dominantes sabem sua capacidade de impor alguns valores, sendo que o estrangeirismo se tornou um instrumento dos discursos globalizados. Portanto, o autor encara essa forma de dominação como pouco observada pelos sujeitos que a



incorporam e aceitam, de forma passiva, a mudança sociocultural e uniformização que provém da cultura dominante. A língua será então um meio de dominação quando acompanha a difusão de valores, aquisição de produtos, negociação entre países, etc.

MULTILETRAMENTO: ALTERNATIVA DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PERANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Bolter (2002) explica que nas últimas décadas o computador torna-se não apenas uma tecnologia associada à escrita, como também uma mídia de alta popularidade, passível ao entretenimento e expressão. De modo que a ‘remediação’ não consiste em um conceito restrito à tecnologia da escrita, de modo que alguns dos exemplos neste sentido podem ser os videogames, que remediafilmes e a vida virtual, que remedia a vida real.

Rojo e Moura (2012) explicam que desse ambiente emergem os multiletramentos, que assumem natureza híbrida e interativa, colaborativa, especialmente quando se pensa na tecnologia digital e em suas ferramentas, como o blog. Para os autores esses multiletramentos são subversivos, uma vez que se considera o design do hipertexto, que possibilita diversas conexões e caminhos. Essa subversão ocorre, sobretudo em relações de controle unidirecional da comunicação e informação – portanto, da produção cultural – bem como da propriedade de bens imateriais – como ideias, discurso, sonoridades, etc.

Conforme os autores, no espaço digital tem-se um embate que ocorre, por exemplo, entre autoria e apropriação. Assim, faz-se necessário que a escola debata uma nova ética que, na percepção dos autores não tome tanto como base a propriedade de direitos de autor, de rendimentos – que terminam por diluir-se na livre navegação na web – bem como passe a debater sobre novas estéticas que permeiam e constituem os textos contemporâneos, multimodais e cuja finalidade é a transformação do consumidor acrítico em analista crítico.

Sendo assim, Lankshear e Knobel (2006) explicam que no âmbito escolar, é preciso considerar que os alunos se encontram imersos em um contexto da internet, de modo que muitas vezes adquirem uma ótica diferenciada e abordam questões de maneira igualmente diferente. Neste sentido encontra-se o maior desafio da escola e dos docentes no trabalho com estes alunos que se inserem no espaço escolar com novos conhecimentos, de modo que estes, na maioria das vezes, pouco ou nada interessam-se por práticas antigas e tradicionais cujas são trabalhadas pela escola.



Coiro (2008) explica então que os multiletramentos passam a representar uma ótica teórica das relações entre o âmbito social que se encontra em transformação, alunos e docentes. Deste modo, a multiplicidade de canais de comunicação e o aumento da diversidade cultural e linguística são foco de atenção para uma ótica de mundo muito mais ampla para o letramento, do que as tradicionais, com base nas abordagens linguísticas.

Sendo assim, a autora aponta ainda que tanto as políticas educacionais, quanto a estrutura escolar e os currículos, se encontram muito arraigados em metodologias retrogradadas de letramento, de modo que seu maior e principal desafio paira sobre o enfrentamento do cotidiano contemporâneo, da realidade dos seus alunos e na inserção de um currículo e de instrumentos de aprendizagens que possibilitem o contato com esta nova realidade tecnológica.

Rojo e Moura (2012) finalizam dizendo que o trabalho com multiletramentos na escola envolve, geralmente, o uso de novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizando-se como um trabalho que se inicia nas culturas de referência do alunato e de gêneros, mídias e linguagens que são conhecidos por ele. Parte-se daí para buscar um trabalho com enfoque crítico, pluralista, ético e democrático de textos/discursos que tratem de ampliar o repertório cultural e direcionar outros letramentos, tanto valorizados quanto desvalorizados, fazendo-os resultar na imersão de letramentos críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas realizadas a fim de compor o presente artigo, foi possível compreender que, nos dias atuais ter conhecimento em informática é essencial para a formação de qualquer indivíduo. Isso porque os processos de comunicação e interação do ser humano, cada vez mais se transportam para o ambiente virtual. Portanto, incorporar a tecnologia ao processo de ensino e aprendizagem é uma finalidade social e ação de inclusão digital.

Diante do exposto, as redes sociais se apresentam como meios de comunicação inevitavelmente presentes na vida de crianças e adolescentes, cada vez mais cedo e cada vez com maior potencial de criar regras próprias de comunicação. Assim, é preciso assumir que essas redes sociais já são parte da vida da nova geração, incorporada fortemente pela



sociedade a fim de comunicar-se, informar-se, interagir com outras pessoas e também com o mundo, por meio da tela do computador.

Considerando o contexto da internet, de onde emerge o que hoje se denomina de “internetês”, um dialeto próprio dos usuários da rede, e ainda pensando que a maior parte das comunicações são efetuadas por meio de redes sociais, nota-se que o uso de neologismos e estrangeirismos nesse ambiente é quase inevitável.

Nesse caso, o cuidado demandado é apenas as ocasiões em que é possível utilizar linguagens mais coloquiais – como em conversas com grupos de amigos e familiares – e situações em que é preciso atentar para o uso da norma culta da língua – como em comunicações profissionais e acadêmicas.

Deste modo, constatou-se que os professores inseridos neste ambiente educacional contemporâneo, encontram pela frente um desafio que paira sobre a transformação de sua postura. Isto para que lancem sobre o trabalho educacional uma ótica que paira, antes de mais nada, sobre um processo reflexivo com potencial transformacional tanto para quem ensina e, sobretudo para quem aprende. Neste bojo, a escola encontra então dificuldades na aplicação de múltiplos letramentos que são necessários para a formação do cidadão contemporâneo.

À mesma medida que se nota que o próprio professor ainda se encontra despreparado para as possibilidades do multiletramento, especialmente quando se considera uma formação inicial limitada e fraca. Assim, o principal desafio do professor diante deste novo paradigma educacional é o investimento em sua educação no sentido de modernizar seus métodos de ensino.

Conclui-se o presente artigo com a crença de que tanto objetivo geral quanto específicos foram atendidos, bem como a problemática de pesquisa foi resolvida. Contudo, como não era de intento, o assunto não fora esgotado, fora dado um primeiro e importante passo para o fomento de conhecimento e estímulo para o aprofundamento no tema, que pode ser feito em estudos posteriores, que visem corroborar, refutar ou complementar as constatações obtidas até o momento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BISOGNIN, T. R. *Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. (Dissertação de mestrado).
- BOLTER, J. D. *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2ª ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística nasala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CARVALHO, N. *Crônicas do cotidiano*. Recife: PPGL-UFPE, 2010. (Coleção Letras).
- CARVALHO, N. KRAMER, R. *A linguagem no Facebook*. In: SHEPHERD, T. G. SALIÉS, T. G. (Org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77-92.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- COIRO, J. et al. *Central issues in new literacies and new literacies research*. In: COIRO, J. et al. (Ed.). *The handbook of research in new Literacies*. New Jersey: Erlbaum, 2008.
- FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. 8ª Ed. São Paulo: Loyola, 2009. (V. 13 Coleção Educar).
- FERRAZ, A. P. *A inovação lexical e a dimensão social da língua*. In: SEABRA, M. C. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217 – 234.
- FERRAZ, A. P. *Produtividade lexical no português brasileiro: o que pode informar um laboratório de neologismos?* In: PERNAMBUCO, J. et al. (Org.). *Textos e contextos*. Franca: Universidade de Franca, 2012. (Coleção Mestrado em Linguística, 7).
- GIGLIO, E. M. *O Comportamento do Consumidor*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3ª Ed. São Paulo: atlas, 1996.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *Sampling “the new” in new literacies*. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Ed.). *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang, 2006.
- PESSOA, K. N. *Formação de palavras na internet: o uso das abreviações nos bate-papos*. In: *Ao pé da letra*. V. 2, 2000, p. 109-116.
- PRADO, M. E. B. B. *Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações*. In: MORAN, J. M. ALMEIDA, M. E. B. *Integração de tecnologias na educação*. Brasília, DF: SEED/MEC, 2005.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ROJO, R. MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



SANTOS, V. CANDELORO, R. J. *Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. Porto Alegre: Editora Age, 2006.

SIMÕES, D. M. P. I. *Conicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

TORNAGHI, A. J. C. *Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC: Guia do cursista*. 2ª Ed. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2010.